

A TRANSGRESSÃO E O SENTIDO NA ANÁLISE DO CONTEXTO HISTÓRICO DA TRADUÇÃO

Tereza Callado*

Resumo

Pontos convergentes e divergentes entre o conceito atual de tradutologia e considerações históricas sobre a transmissão, na antiguidade, da verdade com sua exegese. Tradutologia - Conceito - Transgressão - Sentido - História - Alegoria.

Abstract

Convergent and divergent points between the concept of translation and the historic considerations about the transmission of truth, in ancient time and its exegesis.

Para que um texto se torne audível em língua estrangeira, é necessário, muitas vezes, produzir um novo texto, mais que uma tradução no sentido habitual do termo. (Habermas)

A abordagem do conceito moderno de Octavio Paz, com respeito à noção de tradução pretende explicar, de que modo, na tarefa do tradutor “a invenção é, até certo ponto, inseparável da imitação”. Ao prever no sentido de imitação, criatividade e originalidade, como confirma a concepção de Deleuze, a motivação para este trabalho pretende se estruturar no elemento transgressor que participa do ato tradutório e confunde a tarefa do tradutor à da criação e, a partir dessa reflexão, tentar descobrir sua razão original, sendo necessário, para isso, um percurso retrospectivo ao momento das primeiras tentativas de transferência de uma mensagem. Ocorreu-nos optar pelo momento em que o caráter sagrado permite à obra de arte dilatar a unidade significativa, recorrendo à exegese da verdade e assumindo a interpretação

como parte integrante dela. Assim será possível tentar esclarecer de que modo o mesmo elemento transgressor de que fala a ciência moderna da tradutologia já tinha sido legitimado entre os teólogos, para a tradução do enigmatismo do texto divino.

O paralelismo entre a noção de tradutologia na modernidade e a tradução no seu conceito antigo dá realce a um dispositivo que visava com os artifícios da adaptação e da ampliação a um objetivo final: contornar e decifrar, da melhor maneira possível o sentido das mensagens que diziam respeito à leitura do mundo físico e do sentido da existência. Neste caso, a noção de fidedignidade ao original era concebida de uma maneira especial em que se levavam em conta graus de prioridade entre os elementos que compunham a comunicação e o “horizonte de expectativa” de seu receptor.

Para Octavio Paz, um dos comentadores da tradução, a descoberta de ciências como a antropologia e a linguística teria desarticulado a “tradução servil”, expressão para designar a simples glosa Wort für Wort,¹ na transposição. Também Werner Koller admite que mesmo a concepção, “que ele compartilha, da autonomia do texto original é relativa”, Mesmo nos casos em que a orientação científica é priorizada continua injustificável o procedimento da tradução no sentido limitado do termo, afirma Octavio Paz: “A tradução implica uma transformação do original. Essa operação não pode deixar de ser literária porque todas as operações são operações que se servem de dois modos de expressão, a que, segundo Roman Jakobson se reduzem todos os procedimentos literários: a metonímia e a metáfora. O texto nunca reaparece na outra língua. Não obstante está sempre presente, porque a tradução, sem o dizer, transforma o texto num objeto verbal, que, embora diferente, o

* Professora de Teoria da Tradução, Língua e Literatura Alemã. Doutora em Literatura Brasileira pela Universidade de São Paulo (USP).

¹ Werner Koller comenta sobre a dificuldade que trará ao teórico da tradução a tentativa de delimitar entre a tradução “propriamente dita” (e sob este conceito dá a entender o espectro da transposição palavra por palavra) e as novas tendências de reprodução de textos em língua estrangeira (paráfrase), “questão sobre a qual se dividem os ânimos”, admite. Ele próprio compartilha da concepção da autonomia do texto original, ainda que relativa: *Ich selber vertrete die Auffassung der - natürlich immer nur relativen - Autonomie des Originaltextes, die in einem fremdsprachigen Text, der mit dem Anspruch auftritt, eine Übersetzung zu sein, ge- und beachtet sein muss.* KOLLER, Werner. Die literarische Übersetzung unter linguistischem Aspekt *IN: Die Literarische Übersetzung - Stand und Perspektiven ihrer Erforschung*, Berlin, Erich Schmidt Verlag, 1988.

reproduz”. A tarefa do tradutor inclui também a do leitor e do crítico: cada leitura é uma tradução e cada crítica é, ou começa, com uma interpretação. (Convergências, p. 156). Ele conclui o pensamento com a idéia de que: “Tradução e criação são procedimentos simultâneos, imanentes”. O pensamento de Octavio Paz justifica o questionamento de Werner Koller sobre a adequação do conceito “ciência” para nomear a tarefa do tradutor. Na “Neuorientierte Übersetzungswissenschaft” de Snell-Hornby fica clara a ultrapassagem dos limites linguísticos, no ato do traduzir”, assegura Koller. Mesmo as subdivisões da linguística em psico -, ou sociolinguística estariam longe de reagir às implicações que um texto exige. Voltando a nossa proposta inicial esta análise não pretende ainda interrogar até que ponto, na tarefa da tradução, alguns elementos deveriam merecer relevância diante de outros ou como a abrangência de opções pode ser contornada, ou se seria o próprio tradutor o fator condicionante do texto. Nem queremos reconhecer, nas tendências contemporâneas da tradutologia, o elemento histórico com o seu motivo, mas, muito pelo contrário, encontrar a identificação do nosso procedimento como tradutor, na transgressão original (original significa aqui, estar de acordo com o elemento da tradição) à mensagem em favor da ampliação do sentido do texto, na língua de partida. O cruzamento de tarefas, na constituição da habilidade do traduzir, em que a neutralidade é rejeitada mesmo para o texto científico, vai motivar a abordagem sobre a gênese da tradução a uma análise do contexto histórico das primeiras tentativas de transmissão de mensagens, em que junto à necessidade de se traduzir, aparecia um desvio linguístico competente para desvelar a significação, transfigurando-a em favor de sua amplitude e intensidade, adaptando o conteúdo da mensagem, considerando o ambiente para o qual ela era transferida. E estaríamos justificando historicamente a necessidade da norma ad-hoc que circula em torno da tradutologia moderna. Como ela, as primeiras traduções fundamentavam-se na articulação de mecanismos para a sensorialização e a visibilidade do texto traduzido, em razão do original.

Com o objetivo de preservar a mensagem, era levado em consideração o ambiente com suas células culturais, ideológicas e dogmáticas. Com esse objetivo nasceu da retórica um recurso metodológico para a aprendizagem através de uma linguagem especial, labiríntica, considerada à primeira vista até velada. Por que? Esse recurso, baseado nas antinomias do pensamento, teria que atender, entre os antigos, à pluralidade de visões e à diversidade de percepções para manifestar a verdade. A alegoria se viu, desta forma, autorizada como mediação sóbria do significado. Seu objetivo era evitar que a verdade da mensagem, com o elemento surpreendente, que mais confundia que elucidava,

fosse exibida na sua transparência linguística. Através da alegoria era possível ao conteúdo ver-se representado mas preservado por um expediente adaptável à limitada capacidade humana. Essa habilidade linguística que visava à absorção e ao entendimento da mensagem se legitimava como princípio intrínseco da noção sagrada das formas de comunicação, principalmente as poéticas.

Neste caso pergunta-se: Por que o símbolo não assumia esta tarefa? A natureza da constituição simbólica em que o particular é expressão do universal, na definição de Goethe, faz do símbolo um recurso cristalizado da linguagem, inamovível e convencional até a petrificação dentro de cada cultura, como no exemplo da associação de cruz com dor, coração e paixão, pluma e leveza.² No estudo que faz sobre a essência do signo, Peirce admite a relação apenas convencional entre o símbolo e a coisa significada. Ao contrário, a alegoria, por compactuar com a contradição própria da natureza do cosmos e do humano, persiste na marginalidade e na multiplicidade de sentidos porque ela é capacitada a descobrir a imanência. Enquanto o símbolo é expressão da convenção ela é convenção instantânea da expressão, isto é, convenção da idéia sempre renovada. O papel de destruir a cristalização do símbolo em favor da originalidade transgressora foi se aguçando no decorrer da história. Nesse ponto chega-se ao limite em que a tradução se liberta do léxico em favor de outros expedientes que possam dilatar, ampliar ou enfatizar, através de um desvio linguístico competente, a significação do texto original, como acontece com a disputa entre sonoridade e camada semântica, no caso da poesia.

O conhecimento do contexto cultural e da realidade do receptor, para a qual a obra traduzida é entregue, portanto o domínio amplo do contexto linguístico que mediatiza o conteúdo, não é uma visão apenas moderna no princípio que orienta a tarefa do tradutor. Ela tem origem nas contingências que nortearam o princípio da alegoria, isto é, na necessidade de transpor para uma realidade alheia à do texto original. Nas antinomias do pensamento que a alegoria é capaz de contornar está inserida a noção do outro, da diferença, está inserida a necessidade da visão microscópica sobre dispersão e pluralismo culturais. Na alegoria, um objeto, sem deixar de ser ele mesmo, se torna também o outro, porque sua constituição baseava-se no objetivo de sanar a insuficiência, na percepção do sentido das mensagens, meio a multiplicidade de cosmovisões e pontos de vista de cada cultura. Por outro lado, ela tinha também como finalidade intrínseca, encobrir a rudeza e a contundência do essencial de modo que este fosse filtrado através de sutilezas e outros jogos de expressão a serviço do disfarce, que possibilitassem a lenta absorção da mensagem. Só desta forma, através de técnicas de ocultamento era assegurada a aprendizagem e a

² “As bandeiras constituem símbolos das nações. Entre as bandeiras e as nações não há qualquer relação causal necessária, trata-se apenas de convenção. O símbolo depende da adoção de uma regra de uso.” PEIRCE. Os Pensadores (trad. Armando Mora D’Oliveira e Sérgio Pomerangblum), S. Paulo, Abril Cultural, 1983, p. X.

assimilação do ensinamento divino, pelo homem comum. Fazia parte da metodologia desse recurso retórico o encoberto e o velado, expediente que mais tarde, deslocado do contexto histórico em que a mensagem e sua forma de transmissão era recebida, foi visto como um novo código a ser decifrado. Fazia parte da tarefa do enigma, no qual consistia a própria alegoria, o objetivo de revelar algo que não podia ser apresentado na sua diafanidade. Como recurso mediador da verdade, a alegoria com sua propriedade ambivalente, constituía, por vezes, o requisito para a explicação dos fenômenos. O fato de estar realisticamente ligada ao condicionamento histórico permite que ela sinta, como nenhum outro instrumento retórico, as modulações do real. No dinamismo se insere sua natureza dialética: encobrir e desvelar, encobrir para desvelar. Funda-se, de certa forma, com a alegoria antiga o questionamento que iria legitimar, na tradução, a experiência da equivalência linguística. Como expressão da retórica, a alegoria assumiu, desde a origem enquanto forma poética, a realidade do presente e do passado, isto é, a mudança história, seja na sua representação caótica ou planificada, trabalhando as inversões num jogo dialético com a condição natural do homem, com a inclinação ao declínio, com a decadência da physis, o que explica o apego ao torso barroco como elemento expressivo que evoca a possibilidade estética do todo, represado na história, mas aberto à anamnese, porque nela, o eterno e o instantâneo se fundem. Sua relação com o tempo motiva a tarefa de revisar e polir as arestas espaço-culturais a que cada linguagem está submetida e criticar até a possível destruição o signo estratificado e cristalizado da célula linguística na estratégia de pacto e cumplicidade social. Sua imanência é motivada pelo objetivo de erigir da ruína dessa cristalização nova associação semiótica e recuperar dela a força do significado.

É assim que ela passa a valorizar a noção de fragmento, pois “é sob a forma de fragmento que as coisas olham o mundo”, na estrutura alegórica, diz Walter Benjamin, ao abordar modernamente a natureza descontínua da história e sua ruptura com a linearidade, que durante muito tempo foi responsável pela camada significativa mais forte da expressão estética. A proposta de absorção da realidade e de flexibilidade em direção a ela, explicaria, em parte, simultaneamente, a compensação e o perde-ganha da tarefa de traduzir, em que cada célula linguística precisa ser desmontada e reconstituída. Ao contrário da convenção do símbolo, a convenção alegórica é imanente ao mundo da civilização. Seu percurso é labiríntico, porque ela assume a história sem o artifício clássico da harmonia. Daí porque era também rejeitada no classicismo quando a imagem de equilíbrio do universo se sustentava na trilogia do bom, do belo e do verdadeiro (que camuflava a história) e cujo rompimento favorecia a tragédia. A alegoria, ao contrário, se identifica com a ambivalência para desarticular o choque e impedir a tragédia. Seu conflito que é ao mesmo tempo seu percurso, é o esforço heróico de recuperar o arquétipo destruído, na tentativa de conciliar a dinâmica com a ordem, com o objetivo de fazer surgir da destruição do texto original,

sua recriação. Ela procura o particular para expressar o universal. Sua manifestação mais relevante é no período barroco em que a falta de transcendência motivava a concepção do *carpe diem*, enfim, do prazer do texto, da fruição embora efêmera, uma vez inserida em um contexto cultural, mas intensa em relação ao significado. Pertence, como herança desta época, à natureza da alegoria, a fruição que vai ser incorporada às entrelinhas, no traslado de uma linguagem a outra. Na sua natureza inicial, a inclinação ao significado sempre aberto já previa o conceito moderno de “interpretação” na tradução de um original.

Como uma grande obra de arte, a tradução deve privilegiar o dar a entender, não a expressão, como pondera Roland Barthes sobre a escritura e sua intenção estética. Esta é a razão porque a obra de arte atravessa a barreira do tempo. Para Benjamin, “*todas as grandes obras contêm nas entrelinhas sua tradução virtual*”: *Assim como os estilhaços de uma ânfora - para reconstruir o todo - devem ser contíguos em todos os pormenores, mas não idênticos uns aos outros, também a tradução deve procurar, antes de mais nada, não se assemelhar ao sentido original, mas, em sua própria língua, o modo de visar do original*”. A tradução tem que contar com o melhor acesso à contingência espacial e temporal, para sua realização, razão pela qual ela não pode consistir em mera repetição. Também no caso da transmissão das mensagens, na antiguidade, ficava entre o significado e a significação um abismo preenchido pela interpretação. Era tarefa do mensageiro interpretar o enigma que deveria, por sua vez, funcionar como metodologia de persuasão do sobrenatural, aguardando decifração do mistério sagrado. Nestes casos a substituição dos signos, que transportavam as abstrações místicas, pela convenção de “imagens alegóricas” possibilitava que a contundência do significado, transparente nesses sinais, fosse neutralizada em nome da conveniência e da adequação. Por esta propriedade, a alegoria era consagrada como expressão mística.

Já na antiguidade a alegoria previa o que observa modernamente Valéry sobre a tarefa do tradutor: “Produzir com meios diferentes efeito parecido” ao efeito original. No processo da emulação (*emulatio*), ao contrário, era permitido ao tradutor contestar o texto original, superá-lo, adaptando-o a outra realidade linguística, de forma que fossem preservados como artifícios, para a divulgação entre o público da nova realidade, os efeitos da curiosidade ou modificados os elementos culturais naturalmente rejeitados por ela. Nesse caso, baseado na competição do texto original com o texto novo na língua estrangeira, o desempenho do tradutor era mais importante do que o original, por mais reveladora que fosse a proposta estética da escritura. O objetivo desse procedimento era atrair atenção para a cópia, na realidade cultural priorizada (a cultura de chegada). Um exemplo disso é a reprodução de contos infantis e de feitos heróicos, em que o autor desaparecia, tão recontado era o texto (é o caso da narrativa oral, levada pela tradição e, só mais tarde, reproduzida em linguagem escrita).

A alegoria, ao contrário, visa, como instância retórica, o significado original. E a transgressão linguística, cometida por ela, na antiguidade, era sempre um expediente criativo em favor do texto de partida, naquele caso, a verdade divina. Seu objetivo, empregado em nome das condições históricas, sociais, ideológicas, foi sempre o encantamento do texto original, representado também entre outros recursos linguísticos, na sonoridade, tanto na prosa como na poesia, onde seu efeito é mais intenso.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALFA - Revista de Linguística, **O texto: Leitura e Tradução**, S. Paulo, UNESP, v. 36, 1992.
- ARROJO, Rosemary. **Oficina de Tradução - A teoria na prática**, São Paulo, Ática, 1986.
- _____. (org.) **O Signo Desconstruído - implicações para a tradução, leitura e ensino**, Campinas, São Paulo, Pontes, 1992.
- AUBERT, Francis Henrik. **Reflexões sobre o ato tradutório. Sobre Semântica**, Uberaba, Instituto de Letras da Faculdade São Tomás de Aquino, 1978.
- AZENHA, João, Interculturalidade e ensino de tradução, **IN: Aspectos do ensino de alemão como língua estrangeira**. Cadernos da semana de língua alemã, n. 2. São Paulo, FFLCH-USP, 1992.
- BENJAMIN, Walter, **Illuminationen**, Frankfurt, Suhrkamp, 1980, p. 62.
- BORGES, Jorge Luis. Pierre Menard, Autor del Quijote **IN: Obras Completas**, Buenos Aires, Emec, Editores, 1974, vol. 1, p. 444-450.
- CALLADO, Tereza de Castro. **Perspectivas da Alegorização - leitura de "Memórias Póstumas de Brás Cubas"**, Tese de doutorado, São Paulo, FFLCH, USP, 1997.
- FREGONEZI, Durvali Emilio. **A tradução: uma abordagem linguística**. Tese de doutorado. Universidade Nacional do Estado de São Paulo. Araraquara, 1984, 529 p. Mimeografada.
- GONÇALVES BARBOSA, Heloísa. **Procedimentos Técnicos da Tradução**. Campinas, Pontes, 1990.
- JAKOBSON, Roman. Aspectos Linguísticos da Tradução **IN: Linguística e comunicação**, São Paulo, Cultrix, 1974.
- KLOEPFER, Rolf. **Die Theorie der Literarischen Übersetzung-romanisch-deutscher Sprachbereich**, München, Wilhelm Fink Verlag, 1967.
- KOLLER, Werner. **Einführung in die Übersetzungswissenschaft**, Wiesbaden, Quelle. & Meyer. Heidelberg, s.d.
- NIDA, Eugene A. e TABER, Charles R. **The theory and practice of translation**. Leiden, Brill, 1982. 218 p.
- NEWMARK, Peter. **Approaches to translation**. Oxford, Pergamon, 1981, 200 p.
- PAES, José Paulo. **A Ponte Necessária**, São Paulo, Ática, 1990.
- PAIVA, Maria da Graça Gomes. **Aplicação das modalidades de tradução de Vinay e Darbelnet em um número considerável de sintagmas nominais usados na área de Didier**, 1977. Nova edição revista e corrigida. Primeira edição:1958.
- PAZ, Octavio, Leitura e Contemplação **IN: Convergências Ensaio sobre arte e literatura** (trad. Moacir Werneck de Castro), Rio de Janeiro, Rocco, 1991.
- _____. **Traducción: Literatura y Literalidad**, Barcelon, Tusquets Editores, 1980.
- REISS, Katherina. **Möglichkeiten und Grenzen der Übersetzungskritik**, München, Hueber, 1986.
- RÓNAI, Paulo. **Escola de Tradutores**, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1987.
- _____. **Babel e Anti-babel**, Perspectiva.
- _____. **A Tradução Viva**, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1990.
- SNELL-HORNBY, Mary. **Übersetzungswissenschaft - Eine Neuorientierung**, Tübingen. A. Francke Verlag GmbH, 1986.
- _____. **Translation Studies (an integrated approach)** John Benjamins Publishing Amsterdam, 1988.
- VASQUEZ-AYORA, Gerardo. **Introducción a la traduología: curso básico de traducción**. Washington Georgetown University, 1977. 471 p.
- VINAY, J.-P. E DARBELNET, Jean. **Stylistique comparée du français et de l'anglais: Méthode de traduction**. Paris, Didier, 1977. Nova edição revista e corrigida. Primeira edição:1958.
- WILSS, Wolfram. **la ciencia de la traducción - Problema y métodos**, México, Universidad Nacional Autónoma de México, 1988.